

# HANTAVIROSE

Tio e sobrinha morrem em área rural de Ceilândia. Tinham os mesmos sintomas das pessoas contaminadas pelo hantavírus em São Sebastião. Órgãos de uma das vítimas foram enviados para exames no Adolf Lutz

# Mais duas mortes suspeitas

ALINE FONSECA  
E DARSE JÚNIOR

DA EQUIPE DO CORREIO

**D**eis moradores da área rural de Ceilândia morreram de forma misteriosa nos últimos 20 dias. As causas ainda são desconhecidas. Mas os sintomas são semelhantes com os apresentados pelas três pessoas mortas por hantavírose em São Sebastião, há pouco mais de um mês.

A Secretaria de Saúde não confirma a suspeita de novas mortes por contaminação de hantavírus. Mas também não descarta a possibilidade. As vísceras de uma das pessoas mortas em Ceilândia foram enviadas ao Instituto Adolf Lutz, em São Paulo, único laboratório brasileiro habilitado a analisar casos de hantavírose.

As vítimas de Ceilândia moravam no Núcleo Rural Boa Esperança. O chacareiro Milton Alves da Silva, 57 anos, foi o primeiro a morrer, no dia 16 de junho. Ele havia procurado o Hospital Regional da Ceilândia com dores no corpo, febre alta e vômito, no dia anterior. Foi medicado e voltou para casa.

Como Milton não apresentou

melhora significativa, retornou ao hospital. Mas não resistiu. Morreu poucas horas após dar entrada. De acordo com a família, o laudo médico apontou morte por hemorragia interna, sem, contudo, revelar a causa do sangramento.

A outra vítima era sobrinha e vizinha de Milton. A dona-de-casa Irene da Silva Rosa, 24, morreu na sexta-feira passada com os mesmos sintomas do tio. Ela começou a sentir dores por todo o corpo, febre e mal-estar, oito dias antes. Já na quinta-feira, vieram os vômitos. Nesse dia, a família decidiu levá-la ao Hospital Regional de Brazlândia. O quadro piorou com a falta de atendimento. Funcionários alegaram que não havia vaga na unidade de saúde.

Irene foi levada por parentes para o Hospital Regional de Ceilândia e atendida com suspeita de pneumonia. Recebeu alta no mesmo dia. Mesmo após tomar os remédios receitados, continuou a reclamar de mal-estar. A família decidiu levá-la ao Hospital Regional de Taguatinga, por volta de meia-noite de quinta-feira. Muito fraca, passou a ser alimentada e medicada por meio de sondas ligadas às veias.

Irene morreu às 17h de sexta-

Daniel Ferreira



MADALENA PEREIRA, FILHA DE MILTON ALVES, UMA DAS MORTOS NA CEILÂNDIA: PAIOL DA CASA ABRIGA RATOS, AGENTES TRANSMISSORES DO HANTAVÍRUS

feira. Após examinar o corpo da paciente, os médicos apontaram um edema pulmonar como causa da morte. Eles não souberam, porém, identificar o que provocou o edema. Os parentes de Irene não se conformam com a falta de informações. "Os médicos disseram que o pulmão da minha irmã estava como o de quem fuma há 25 anos, mas ela nunca colocou um cigarro na boca", conta Valdirene Rosa de Jesus, 20, irmã da vítima.

Nas três mortes por hantaviro-

se em São Sebastião, o laboratório Adolf Lutz constatou que o vírus transmitido por rato silvestre atacou o pulmão das vítimas. O resultado dos exames da necropsia de Irene será enviado para a família daqui a nove dias.

## Ratos

A Vigilância Epidemiológica da Secretaria de Saúde sustenta que os casos de hantavírose estão concentrados em São Sebastião. "Por enquanto, consideramos

que a doença esteja em um único local", afirma a diretora do órgão, Disney Antezana. O secretário de Saúde, Arnaldo Bernardino, não quis comentar as duas mortes em Ceilândia. Alega que não quer causar pânico na mais populosa cidade do DF, onde moram cerca de 350 mil pessoas. Na semana passada, Bernardino afirmou que a epidemia estava controlada.

Agentes da Vigilância Epidemiológica e Ambiental trabalham desde segunda-feira na área rural

onde Irene e Milton morreram. "Detectamos vestígios dos roedores nas casas das vítimas, mas não podemos dizer ainda qual é a espécie", explica o biólogo Péricles Massunaga, da Vigilância Ambiental. Na casa de Milton, ratos viviam no paiol, onde o chacareiro estocava espigas de milho colhidas. "Agora todos que entram ali, usam luvas, galochas e máscaras", afirma a filha de Milton, Madalena Pereira, 32. Ela guarda espigas roídas pelos ratos.